



VOZ DA FÁTIMA

ÀVE, MARIA!

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos. Empresa Editora: União Gráfica, R. Santa Marta, 158-Lisboa. Administrador: P. Antonio dos Reis. Redacção e Administração: «Santuário da Fátima» — Sede em Leiria.

Glória a Deus no mais alto dos Céus e na terra paz aos homens de boa vontade. S. LUCAS II, 14

Crónica da Fátima

(13 de Novembro)

Com o mês de Novembro passado iniciou-se, mais uma vez, o ciclo semestral das pequenas peregrinações ao venerando Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Mas, pôsto que o número de peregrinos seja mais reduzido e as costumadas manifestações de fé e piedade menos grandiosas e imponentes, o fervor das centenas e às vezes milhares de peregrinos que acorrem nestes dias ao bendito local das aparições parece mais vivo e mais intenso e o silêncio e o recolhimento que então reinam por toda a parte formam um ambiente muito mais propício à oração e à meditação.

Por isso, como é sabido, muitos devotos da Virgem da Fátima escolhem um destes meses, de menor movimento e de maior sossego, para irem prestar à gloriosa Mãe de Deus as homenagens da sua veneração e da sua piedade filial.

O dia 13 de Novembro, no planalto sagrado da Serra de Aire, apresentou-se claro e cheio de sol, com um céu brilhante e sem nuvens, mas o frio que fazia e a aragem ápera que soprava anunciavam já os rigores da estação invernal que se aproxima.

Nas primeiras horas da manhã eram raros os fiéis que se viam no vasto anfiteatro da Cova da Iria, mas, ao meio-dia, na ocasião da missa oficial, a

multidão que estava presente era bastante considerável.

Realizaram-se todos os actos religiosos na forma habitual.

Durante toda a manhã, houve muitas missas e foram numerosos os fiéis que se aproximaram do tribunal da penitência e da mesa eucarística.

Celebrou a missa oficial o rev. P. José da Cruz Perdigão, pároco da freguesia da Marinha Grande. Ao evangelho pregou o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor e professor de Sagrada Teologia no Seminário Diocesano, que falou durante cerca de vinte minutos sobre a devoção às benditas almas do Purgatório.

O celebrante, depois de exposto no trono do Santíssimo Sacramento e de cantado o *Tantum Ergo*, deu a bênção com a Sagrada Custódia a cada um dos poucos doentes inscritos que se encontravam no Pavilhão e por fim a bênção a todo o povo.

Após a última procissão e a linda e comovente cerimónia do «Adeus» a Nossa Senhora, junto do monumento comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, osromeiros dispersaram-se rapidamente, voltando a breve trecho, com as primeiras sombras da noite, o silêncio e a solidão a reinar naquela estância privilegiada de graças e de bênçãos que se chama a Cova da Iria.

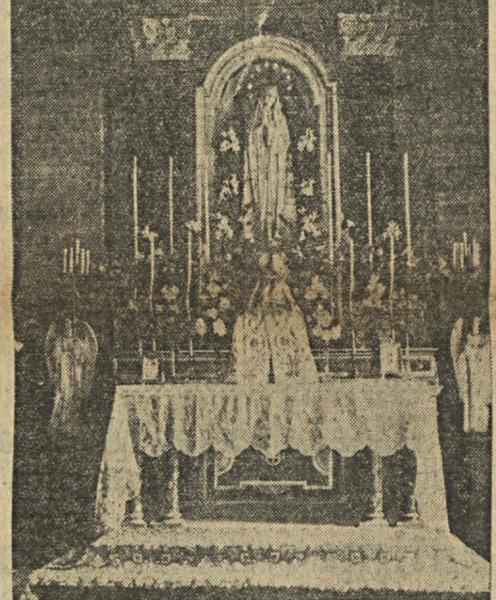
Visconde de Montelo.

PALAVRAS MANSAS VENTO DE ESPANHA

Ao avizinhar-se a república, o clero espanhol atravessava já uma quadra singularmente angustiosa e difícil. Pouco numeroso, mal retribuído, mal instalado, e designadamente no Sul e no Levante, a paróquia frequentada onde se fazia sentir profundamente a chamada apostasia das massas. Nem fiéis na igreja, nem paz na aldeia, nem pão na arca...

A própria monarquia liberal não foi generosa para eles. A generosidade ia quasi toda para aqueles que a miravam e combatiam mais ou menos abertamente. A generosidade, a consciência, a atração do abismo, podem dar-lhe o nome que quiserem...

A voz dos Bispos, a reclamar, dentro e fora do parlamento, o cumprimento de determinadas obrigações concordatárias, por não ser a voz das urnas e dos caciques, encontrava sempre nos políticos uma inveterada e cini-



ROMA — Imagem e altar de Nossa Senhora da Fátima na capela do Colégio Português

ta indiferença. Como o clero não fazia greves, não havia utilidade em atende-lo.

Por detrás da indiferença, a covardia, como disse no parlamento um célebre Bispo de Jaca.

Com um governo inteiramente enfocado à Rússia infernal dos *sem-Deus*, podemos imaginar facilmente as injúrias, os desprezos, os vexames a que ficou exposto, dia a dia, o pobre clero espanhol. Para aviso claro e insuflável do que viria depois, a correr frequentemente por todo o país a notícia de assassinatos e incêndios, assassinatos de padres e religiosos, incêndios de conventos e de igrejas.

O clero, eis o inimigo! Isto que, na França, tinha dito Gambetta por conveniências políticas do momento, andou a repeti-lo na Espanha a frente popular por dia colectiva... E por isso também quem denuncia os sonhos, por mais que sonhem, não costumam surgir os homens de governo.

Sonhar é pensar que rapidamente, com discursos e leis em barba, se pode transformar o que Le Bon chama os caracteres essenciais da alma dum povo, de formação milenária e singularmente complexa. Sonhar é dizer com Azeite, no parlamento, que a Espanha deixara de ser católica. Sonhar é fazer da apostasia das massas uma das bases do Estado.

Sonhar é isto: governar é outra coisa... A perseguir, a pobreza e o abandono, como já dizendo, foram para o clero espanhol a iniciação do martírio. Chamamento e directriz, ao mesmo tempo, a sua vocação tinha essa virtualidade, embora ele o não sus-

peitasse quando junto dos altares, no mais inspirativo dos ambientes litúrgicos, se deu inteiramente à glória de Deus e ao bem e à paz da sua terra. Havia nessa vocação mais sentido e responsabilidade do que ele imaginava... Estava já, sem dar por isso, no *Jardim das Oliveiras*, para seguir Jesus, passo a passo, no caminho do Calvário...

A sua missão salvadora ia, com ícho radioso, confessar heroicamente a Deus diante da insolência, da vileza e da ferocidade dos homens.

O padre prega a caridade para com o marxista; o marxista, por sua vez, prega o ódio ao padre. Dois sectores sociais separados por um verdadeiro abismo, que só poderá transpor um dia a *Acção Católica*. Quem vencerá? Vencerá, morre, o padre, porque o amor é vida, imolação e resgate.

O cardinal Gomá, arcebispo de Toledo, numa alocução radiada aos fiéis da sua diocese bem-amada, fez o elogio vibrante e comovedor do clero vitimado pela ferocidade marxista, como nos dias de Nero, Almansor, Mendizabal, de Espartaco...

A quantos deram a morte, com requintes diabólicos e iméditos de crueldade?... Contam-se por centenas, talvez para mais dum milhar. Só na diocese de Toledo foram mortos mais de cem, com o céu da Sé, a frente.

O total, devidamente apurado, a seu tempo, há-de ser uma coisa arripante.

Pela primeira vez na história, disse o cardinal, um partido em plena guerra votou toda uma classe social ao extermínio. Quando a horda marxista entrava num povoado, para impôr à mão armada o seu domínio sangrento, a primeira pergunta que formulava era esta: — *onde está o cura?*...

Todos sabem o que isto queria dizer. — «É preciso avisar o cura de que a morte está aqui e espera dele».

Qual o seu crime? Passar fazendo o bem, quando a hora que passa, na Espanha, para o marxista, deve ser toda do mal.

Mas, até hoje, não houve uma só defeccão. Solicitados insistentemente e brutalmente à apostasia e à blasfémia, todos os padres preferiram morrer pela honra da sua fé, com o coração a trasbordar de amor, de esperança e de paciência! E isto no meio de tanto ódio, de tanta crueldade e de tanta ferocidade!

Deus do céu como a tua fé é heróica e a tua graça é poderosa!

Os padres espanhóis estão a escrever uma página infinitamente preciosa, edificatíssima, pura e martirológica cristão, que nunca fica definitivamente encerrado... Bemditos sejam por isso!

Uns morrem a aclamar a Espanha e Cristo-Rei; outros a rezar o terço; outros ainda a cantar o *Miserere*. Todos voltados para o céu, na fase derradeira da sua missão e do seu apostolado.

Apareceu até um a pedir aos marxistas que o fustulassem de frente, para morrer a dar-lhes a sua bênção e a dizer-lhes o seu perdão.

Liberalês de procedência suspeita que hoje vos mostra conservadores e ordeiros, envergou-vos, se isso vos for possível, da detracção sistemática e da ironia desdenhosa como trasteis os padres, que morrem também por vós.

C. P.

Fala um médico

VIII

MEU MENINO

«Tem, tem, Que vale um vintém!»

Logo que nascem, as crianças chamam, iniciando, com desgosto, a adaptação à vida independente. Até então o sangue da mãe levava-lhes o alimento com que se nutriam e o oxigénio que respiravam.

Nascida a criança, continua a mãe a dar-lhe o seu sangue, convertido em alimento, com a composição maravilhosamente adequada.

O leite materno é insubstituível e não haverá mãe capaz de recusar ao filho o precioso líquido, se souber que ele lhe assegura o desenvolvimento e a saúde.

O recém-nascido passa a vida a dormir e, para que o soninho não fuja, a mãe canta a melodia dulcíssima, que o penetra até ao íntimo da alma e o acompanha toda a vida:

«Nana, nana, meu menino, Que a mãezinha logo vem: Foi lavar os teus paninhos Ao reguinho de Belém».

Passados poucos dias, o menino é levado à igreja e, pela boca dos padrinhos, declara que renuncia a Satanaz e que, desde o berço, quer ingressar na religião de Cristo. É o seu primeiro dia de festa, mas a criança estranha a cerimónia litúrgica, não sorri ainda.

Mas, pouco mais tarde, começa a mostrar-se alegre. Com poucas semanas, já começa a franzir os cantos da boca e a mãe, enlevada, diz que ela ri para os anjinhos. O primeiro sorriso infantil é esperado com grande ansiedade e, «se não ri ao fim do mês», faz-se pouco da sua integridade mental ou da dos seus pais...

Alimentada como deve ser, a criança aumenta rapidamente de peso. Quando nasce, costuma ter três quilos e aos quatro meses pesará o dobro.

Para se livrar das bexigas, doença hedionda, que antigamente fazia tantas vítimas, submetem-se a criança à vacinação, pequeno acto operativo, que a faz protestar, por lhe arranhar os bracinhos.

Ao fazer o meio ano, começa a poder sentar-se e, pouco depois, torna-se rabugento, porque lhe rompem os primeiros dentes.

«Aos seis assenta, Aos sete endenta».

diz o povo, com razão. Nos primeiros tempos, o menino arraste-se pela casa de gatinhas. Mas é preciso mostrar-se homem e suste-se de pé:

P. L.

Coisas que eu penso

Lendo dia a dia as notícias de Espanha, penso que nenhum outro assunto merece mais a nossa atenção. É preciso virá-lo e revirá-lo e vê-lo por todos os lados.

O nosso povo diz que Deus escreve direito por linhas tortas. E preciso procurar entender o que Deus está escrevendo pelas linhas tortas da Espanha actual.

Em primeiro lugar, devemos recordar que a Espanha foi a terra mais explorada pelos que falavam da Inquisição. Esse tribunal, originariamente religioso e depois misto, e que deu lugar a abusos que não negamos, nem discutimos, era o grande cavalo de batalha dos inimigos da Igreja. Falar em Inquisição, através a dizer que nem tudo nela foi mau, era incorrer nas iras furibundas dos liberais! Era um escândalo, um terror, condenar à morte gente por motivo das suas ideias! E certos historiadores deram-se ao trabalho de exagerar enormemente o número das vítimas da Inquisição e os tormentos a que eram submetidos, segundo a legislação penal daqueles tempos.

Emfim, falar da Inquisição, era correr o risco de ser declarado digno de morte.

Pois bastou um mês de marxismo em Espanha, para se encontrarem já em jornais ideias sobre este assunto, que muitos livros não tinham conseguido fazer vingar. Assim, num jornal português, que há meses não a teria escrito, encontramos estas palavras:

«Quem nos diria a nós que um dia viríamos a considerar benemerita uma instituição — (a Inquisição) — que julgávamos execrável, por encontrarmos no século XX mais tirania, mais abominação, mais ferocidade, do que tudo quanto fez essa organização que estigmatizávamos como a vergonha do género humano.»

«A Inquisição só suprimiu os relacionos, perigosos para o repouso geral, e em toda a sua existência matou menos gente do que o marxismo actual em Espanha num mês de luta.»

E noutra parte, escreve: «Pondo de parte a romantização do mito que se escreveu sobre a Inquisição, devido especialmente à sensibilidade morbida do século XIX, e nos de confessar que errámos totalmente as conclusões, pois actualmente as variedades checas, gúlicas e Gestápas são muito piores, não perderam o anteparo sentimental que imprimia a Doutrina Cristã mesmo aos mais feroces inquisidores.»

«Nós, como o autor do artigo, Archer Crespo, que teve a coragem de o firmar com o seu nome, também não fazemos a apologia dessa instituição, ferozmente morta, nem a admitimos como possível em nossos dias; mas compreendemos agora a sua razão de ser e a necessidade da existência duma nova organização que não permita a infiltração de mitos em cérebros incapazes de discernir a verdade da mentira, sejam eles de mediana ou de alta cultura.»

Por outras palavras, mais claras, que o povo entende bem, o heróico exemplo de Espanha, em poucas semanas, veio trazer ao espírito de muitas gente a ideia de que — é ainda o

mesmo autor que fala — «a tranquilidade de que gozaram tantas gerações na Península hispânica foi nos legada por essa instituição que por todos os lados amaldiçoada: a Inquisição. E mais: que não é possível hoje, nem desejar, uma Inquisição, como a outra, mas que é indispensável, imprecisa, duma maneira eficaz, que seja lícito a qualquer perverso desorientado do povo, servindo-lhe mentiras que o exaltem e transformem as sociedades em jaulas de feras.»

Esta ideia já se está lendo no que Deus escreve pelas linhas tortas que permite em Espanha. Que outra maneira havia de desenganar tantos iludidos?

Mas o nosso espírito sente-se oprimido ao pensar neste meio que Deus permite para tirar filhos salvadores. Sabemos que é certo, que nada suce-

(Continua na 2.ª página)

«VOZ DA FÁTIMA»

A «Voz da Fátima» é a publicação periódica portuguesa de maior tiragem.

Tiragem da «Voz da Fátima» no mês de Novembro de 1936:

Algarve	6.440
Angra	19.499
Beja	4.417
Braga	80.832
Bragança	12.782
Coimbra	17.964
Evora	5.100
Funchal	18.902
Guarda	28.986
Lamego	12.252
Leiria	17.274
Lisboa	10.732
Portalegre	9.939
Pórtó	59.437
Vila Real	33.721
Viséu	11.121
Total	349.398
Estrangeiro	3.800
Diversos	11.558
Total	364.756

Em novembro de 1935 a tiragem da «Voz da Fátima» tinha sido de 318.773 exemplares havendo, portanto, em um ano, o aumento de 45.983 exemplares.

CRONICA FINANCEIRA

Fala-se muito em guerra por esse mundo fora. Os homens do governo das grandes nações civilizadas fazem esforços desceparados para evitar que ela se desencadeie, tão terrivelmente destruidores seriam os seus efeitos. A nossa grande aliada, a Inglaterra, procura a todo o transe evitar, pelo menos, que ela se dê no Ocidente. Para isso trabalha por desviar a França da sua aliança com a Rússia, formando com todas as nações occidentais, uma grande zona pacífica.

A Rússia, por seu lado, procura agarrar-se a França desesperadamente, não para que esta grande nação a defenda com o seu exército dum agressão óbvia, mas para melhor poder influir nos seus destinos a fim de a sacrificar em proveito próprio. A questão parece complicada mas é muito simples.

Desde que iniciou a sua assombrosa carreira política, que Hitler se mostrou encarnado inimigo do Comunismo e, portanto, da Rússia. Desde então, a Rússia, tendo a sua arcação pelas doutrinas comunistas? Do horror que ao seu neto de católico lhe inspiraram

as atrocidades canibalescas dos bolchevistas russos? Ou seria também por cálculo político? É sabido que a Rússia, considerada como nação, é das mais ricas do mundo. Ela tem imensas planícies que são do que há de melhor para produzir trigo. Ela tem florestas sem fim das melhores madeiras. Ela tem petróleos em grande abundância, tem ferro, tem ouro, tem tudo. Só não tem juízo. A Alemanha, por sua vez, é um país dos mais pobres da Europa, mas é rica de juízo.

Da sua imensa riqueza, a Rússia não sabe tirar proveito, senão para espalhar a desordem no meio das outras nações, como no fez na Espanha. Mas não soube sequer arranjar pão que baste para sustentar a sua escassa população, nem montar convenientemente a sua defesa militar, porque para tudo isto é preciso muito juízo e ela não tem nenhum. A prova provada acaba de dar a guerra de Espanha. Os russos têm-se desunhado a mandar para os camarádas espanhóis, armas, aviões, toda a espécie de material de guerra, e até gente, sobretudo oficiais. Pois apesar disso, os comunistas espanhóis tem levan-

do pancardia de criar bicho. Tudo que lhes tem vindo da Rússia é sucata: sucata os *tanks*, sucata os aviões, sucata a artilharia e sucata os generais.

Nada daquilo presta, é tudo lixo. A Alemanha sabe-o e se lhe cair em cima, a Rússia fica em estilhaços.

A única salvação da Rússia, é evitar que a Alemanha a ataque. E a maneira mais fácil de o fazer, é provocar a guerra franco-alemã. Para tanto, bastará fazer a revolução bolchevista em França. A Rússia sabe que posta na rua a revolução bolchevista francesa, o exército alemão cairá imediatamente sobre a França e é isso mesmo que ela quer. Para executar o seu tenebroso plano, conta com a cega colaboração dos comunistas franceses, suficientemente carneiros para se deixarem levar para o açougue. O pior é se os nacionalistas franceses acordam a tempo e saem para a rua primeiro, como sucedeu na Espanha. Ou se a Alemanha que está senhora do jogo, lhe cai em cima sem lhe dar tempo de jogar a cartada francesa. E que Deus não dorme...

Pacheco de Amorim

Fátima

Graças - Segredos - Mistérios

Por Antero de Figueiredo

A já extensa bibliografia da Fátima não só em língua portuguesa mas também nas principais línguas do mundo (V. Manual do Peregrino pág. 19 e seg.) acaba de ser aumentada e enriquecida com o último trabalho do Sr. Dr. Antero de Figueiredo, escritor já consagrado nas letras pátrias.

«FÁTIMA» é um livro encantador, em estilo claro e simples que nos prende de tal jeito que o não podemos pôr de parte sem o ler e releer.

Comovedor, auscultando uma alma cheia de Deus, dificilmente haverá quem o percorra sem que as lágrimas lhe acudam aos olhos, como me sucedeu quando tive o prazer de o ouvir ler pelo próprio Autor.

Não repete o muito que se tem escrito sobre a Fátima. Revela aspectos novos colhidos nas confidências da Irmã Lúcia, alguns dos quais eu mesmo desconfiava.

Recomendo a leitura da «FÁTIMA» — obra de preito à nossa querida Mãe do Céu» (pág. 11) — e permita o ilustre Autor, correspondendo à amabilidade que teve comigo e nunca esquecerei, lembre como fim do seu trabalho a saudação que me dirigiu, quando tive a honra de o receber:

SEJA LOUVADO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO — PARA SEMPRE SEJA LOUVADO COM SUA MÃE MARIA SANTÍSSIMA.

Leiria, 21 de Novembro, Festa da Apresentação de Nossa Senhora — de 1936.

† JOSE, Bispo de Leiria

ACÇÃO CATÓLICA



Recristianizar

A Acção Católica é a participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja. Este conceito consagrado e universalmente conhecido...

Pertence à Juventude Católica Feminina no presente ano: RECRISTIANIZAR. Pertence, direi, a cada uma de nós, no presente ano...

Se somos nesta hora 19 mil associadas, que vemos ainda à nossa volta?... dezenas e dezenas de milhares de raparigas...

Maria Amélia de Lemos Santos Pres. Nacional da J. O. F. Seção Recreativa A DIVINHA Não digo nada, sou mudo, e a grandes e pequenos...

Vida Jacista através de Portugal

DIocese da Guarda

Ferro Encantadora, na sua simplicidade, a nossa festinha de Cristo-Rei. Uma verdadeira festa de amor e re-creação.

Cortiço da Serra A festinha de Cristo Rei entre nós foi pobrezinha, é certo, mas cheia de entusiasmo, fervor e alegria.

Melo A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Nossa Senhora também dá pão Uma história encantadora. Não longe do Santuário da Fátima, entre sul e nascente, há na crista dum penhasco...

com prática adequada pelo nosso Rev. Pároco, seguindo-se o cerimonial à risca, que impressionou todo o povo...

Uma Jacista Ainda cá não tivemos uma festa tão encantadora, como a deste ano, na festa de Cristo-Rei.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

ção dos emblemas às Jacistas, tendo feito uma comvente prática o Rev. Assistente Eclesiástico...

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

ESTUDO PARA DEZEMBRO O dever da Religião

O primeiro dever que contrainos com Deus é honrá-lo: é um dictame da própria lei natural que todo o inferior deve respeitar o seu superior.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

que acabamos de enumerar, podemos ter a certeza de que poderá alcançar tudo sobre o Coração de Deus.

A Imaculada Conceição

Em 8 de dezembro de 1854 celebrava-se em Roma, no meio da alegria de todo o mundo católico, a definição do dogma da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

Uma Jacista A festa que em honra de Cristo Rei, se realizou nesta antiga Vila, decorreu com toda a solenidade e brilho.

CINCO MINUTOS AO CAVACO

Todos irmãos!

— Ora viva, compadre Bonifácio e amigo dos bons! Então vem hoje da banda de engatar a mesma conversa do outro dia? — Sobre o comunismo, compadre Pimpão? — Não, compadre; essa letra está cortada. Gostava mais era de o ouvir a respeito daquilo que me divide na última palestra...

— Nada disso, compadre Pimpão! Muito antes de se falar em socialismo, já a Igreja lembrava a cada um os seus deveres. Ouça o que dizia S. Basílio, grande Bispo e Doutor da Igreja, há mais de 1.000 anos: Os ricos têm mais, e devem ajudar os pobres...

FATIMA

Fátima! Fátima! Que de lembranças na minha mente, vindo passar numa longa tela os celestiais gráficos da estrada que sobe a Serra d'Aire do Rengueiro até Ourém, domínios de D. Nuno, o Santo Condestável de Portugal!

A FÁTIMA é conhecida em todo mundo

E A MELHOR MANEIRA DE A CONHECER É COMPRAR E EXAMINAR Fátima em 65 vistas que nas suas magníficas gravuras nos dá os mais lindos aspectos do Santuário, da sua história e manifestações de fé

PHOENIX C. Inglesa de Seguros. Máxima garantia às melhores taxas. 20 - Av. dos Aliados - Pórtio. Manual do Peregrino da Fátima que se vende por 3500 em: «A VOZ DO DOMINGO» - LEIRIA SEMINÁRIO DE - LEIRIA SANTUÁRIO DA FÁTIMA - COVA DA IRIA JUNTA GRAFICA - R. de Santa Marta, 156 - LISBOA

Padaria Lamecense

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C. Suc.ª. Largo dos Aviadores. Telefone n.º 11. REGUA. Esta acreditada casa fabrica com higiene, assado e esmido, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e broas.

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA MISSAS

PEDIDOS A ANTONIO DE OLIVEIRA Aldeia Nova - Norte. Mesmo se estiver escuro, ou se o vossó Bébé dormir tranqüilo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma boa fotografia se usardes VERICHROME.

As fotos do vossó Bébé, são muito preciosas... Não compre ao acaso... Para que este resultado fosse possível, Kodak fabricou esta sua Película, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como à sombra tereis sempre boas fotografias com «VERICHROME» (Película de Kodak) KODAK LTD. - 33, R. Garrett - LISBOA

6 presépio na charneca

... E depois, por cima da gruta, prantava-se um anjo, muito lindo, todo branco, de asas abertas...

A voz frágil, que se ajustava mal aquêta treze anos de camponês súdio, esfumava-se, somnolosa, na evocação dum passado, longo apenas pela saudade. A charneca na sua frente povoava-se de scenas vividas, ora celestias, ora tristes para o coração, que mãos piedosas, quasi de passagem, haviam já entalhado e brunido um pouco.

No esboço de vale, a seus pés, a dividir a planura larga das primeiras ondulações da Serra d'Aire, os rebanhos, insatisfeitos, mas resignados com a magreza do pasto, pesquizavam ainda o barro ressumante, num movimento vagaroso de dorsos arqueados acompanhado de tinnante plangente...

— E depois?... Conta mais, Manuel... — E o Toiño voltava para o companheiro os olhos, verde-pardo, numa ânsia de ver também todas aquelas maravilhas, ao menos pelos olhos do Manuel. A aragem fina levantava-lhe as gabelas dum loiro tostado, como a fronte que aparecia assim em toda a nobreza reveladora de carácter e inteligência.

— Conta mais... A gente pra aqui não vê outra coisa que pinhões e serranias, e acage que é tanto o dia de Natal cumá outro calquer...

O olhar vago do Manuel, arrancado à inmensidade do horizonte, teve um lampejo de indignação:

— Então vocês por cá não saquer vão à Missa em dia de Natal?

— Cals Missa... Isso fica lá muito prarrabe, e a gente tem de tratar de vida cumá mais dias. Duma vez fomos até à Senhora da Fátima... Fartámo-nos de caminhar, mas aquilo foi lindo...

No rosto do Manuel transparecia agora uma compaixão estranha porque não era a compaixão que brota tão pronta da alma infantil, mas a duma alma experiente e reflectida.

— E depois?... repetia o Toiño, inquieto.

— Depois... mais nada. Estava acabado. No dia de Natal, logo a seguir à Missa, fomos todos a cantar, beijar o Menino que o sr. Prior segurava numa almofadinha, e então as senhoras davam-nos bolos e depois era a distribuído dos prémios.

— E o Menino... cumá era? — Era assim pequenino... muito cor de rosa e com a cabeçinha coberta de caracóis dourados...

Estava concluído o quadro. Não havia mais que perguntar nem que responder. A visão — visão de paz, de amor, de glória — dominava agora inteiramente os pastorinhos. Silenciosos, levantaram-se, retiraram o gado com um simples maneio dos cajados, e passaram-se em marcha, seguindo-o, pelo atalho ladeado de silvas e giestas.

De vez em quando a porta da casa do forno abria-se de mansinho e o Toiño espreitava para a cozinha o irmãozito adormecido. Não era o primeiro dia que a mãe lhe deixava entregue a e nunca a brincadeira, por mais tentadora que fosse, o impedira de cumprir com exactidão e amor aquêlo mandato.

O pequerracho sorria dormindo, aureolado de mechas frisadas reluzentes como ouro, o que, a cada passo fazia o Toiño dizer: — Nam he que ver... E tal e tal o Menino era...

— Nam he que ver... E tal e tal o Menino era o principal no Presépio, e se ele tinha o Menino — e bem lindo — porque não havia de arranjar-se o resto?

E o seu coraçãozinho alargava-se de ternura para com aquêlo que, como dizia o Manuel, podia ter nascido num palácio e que quisera, talvez, vir ao mundo pobrezinho só para que o Toiño pudesse ter também o seu Presépio...

Mãos ó brava... O seu gado não era de mangedeira; a mesa pinha-lha Deus Nosso Senhor por esses vales e charnecas; mas um coxete com palha da mais fina sobre um mocho fazia uma mangedeira bem jeitosa. Em volta, moita, urze e giestas tornavam-nam um berço florido. Uma ovelhinha, a stia «Pombas» que, se ele quisesse, ficaria ali quietinha a noite inteira...

— Sim, fátira o anjo. Mas é lá a estória — o Anjo da Guarda do menino não se via, mas o Manuel, que era incapaz de mentir, afirmava que ele estava sempre a acompanhá-lo.

— Os cumprimentos de boas-festas ao Senhor Prior tinham terminado, e a porta da sacristia vomitava para o adro a catida da extensa fila dos paróquianos.

Numas voltas pelo compartimento notou porém o sacerdote que uma manga de jaqueta e parte duma grenha arriuada não despegavam da ombreira da referida porta.

— E tu que queres, paqueno? perguntou avançando e, ao reconhecer o Manuel, saudou-o com uma exclamação de jubilo-sa surpresa.

O rapazito torcia, acanhado, o barrete nas mãos trémulas, mas a voz era firme:

— Sr. Prior... venho cá tão longe procurá-lo porque é com vóccemê que eu me entendo. Quero ser padre. Quero ser missionário.

— Bravo, meu rapaz! Tens boa cabeça e melhor coração visto que, em três anos... sim, vai em três anos... não esqueste as minhas histórias das missões. Com que então, Manuel, a África, os miseros pretinhos estão a chamar por ti?

— Os braços do ministro do Senhor rodeavam o Manuel, e a carita tismada pelo sol e pelo vento desatacava-se, suplicante, contra a alvura lílida da sobrepele.

— Não, sr. Prior eu não quero ir para a África. O que eu queria é, ah, o que eu queria era ir pregar e dizer Missa por essas serras fora...

A visão de tanta ignorância religiosa ao longo da nossa terra fizera da alma boa do Manuel, cheia de amor e de zelo, uma alma de Missionário. A quantos outros não está Deus chamando também para o Sacerdócio!... Ouçamos-Lhe a Voz!

Novembro de 1936 M. F

No Continente

(D. Ludovina do Rosário, da Praia do Ribatejo, em carta dirigida à Voz da Fátima, diz o seguinte):

«Durante mais de 5 anos sofri horrivelmente dos intestinos, padecendo este que me pôs em tal estado de fraqueza que, segundo as opiniões de dois médicos que me trataram, eu já não podia com alimentos de qualquer natureza a não ser um pouco de leite ou caldo.

Desenganada por estes dois médicos, fui consultar um outro. Depois de me examinar disse-me que talvez conseguisse curar-me, mas que, para isso, devia fazer dezoito dias de jejum e não fazer do jejum. Como as minhas poucas posses não permitiam, desisti. Assim, completando dezasseis dias de jejum, a medicina da terra, recorri à protecção de N. S. da Fátima sob cujo manto me abriguei. Fui à Cova da Ilha a 13 de Junho de 1927 e ali pedi a N. S. Senhora visitar o seu Santuário da Fátima duas vezes por ano. Neste mesmo dia, depois de receber a Jesus no Santuário, bebi da água do Santuário, e desde então até hoje, graças a Santíssima Virgem não tornei a doer mais nada. Hoje saparar-me de tudo sem que nada me faça mal.

Passados 5 anos depois de receber esta grande graça que eu atribuo a N. S. da Fátima, sobreviveu-me uma dor numa perna impossibilitando-me por completo de andar. Foi a N. S. da Fátima quem me deu a graça de publicar no seu jornalzinho a graça já recebida, se ela me concedesse mais o grande favor de me fazer doador desta graça. Não sei se já foi publicado este novo sofrimento, e de continuar a ir 2 vezes por ano ao seu Santuário, dezcalca. Graças à protecção de Santíssima Virgem, não tenho mais dor alguma. Hoje já me recuperei a saúde de que tanto necessitava.

Quero ainda agradecer a Nossa Senhora o ter curado a minha Lúscida que esteve prestes a succumbir por causa de uma operação de um olho.

Queria agradecer ainda algumas graças espirituais temporais que me foram concedidas por N. S. da Fátima. Como prometido, venho pedir a publicação destas graças no jornal «Voz da Fátima» para glória da Santíssima Virgem.

Praia do Ribatejo — Constança, (a) Lucinda Lemos de Mesquita

(D. Lucinda Lemos de Mesquita, de Fátima de Bastos, em carta de 13 de Abril de 1934 diz):

«Venho cumprir a promessa que fiz a N. S. da Fátima pela cura de meu filho José que foi acometido de tuberculose ossea numa perna na qual chegou a ser feita a amputação. Depois de uma purgação constante, tendo já a perna completamente atendida, Recorri a vários médicos durante dois meses sem que eles experimentassem melhoras alguma apreciáveis.

Resolvi então recorrer a N. S. da Fátima, pedindo-lhe que me concedesse a graça de me fazer doador desta graça. Não sei se já foi publicada esta graça no seu jornalzinho. Como prometido, venho pedir a publicação desta graça no seu jornal «Voz da Fátima» para glória da Santíssima Virgem.

— Bravo, meu rapaz! Tens boa cabeça e melhor coração visto que, em três anos... sim, vai em três anos... não esqueste as minhas histórias das missões. Com que então, Manuel, a África, os miseros pretinhos estão a chamar por ti?

— Os braços do ministro do Senhor rodeavam o Manuel, e a carita tismada pelo sol e pelo vento desatacava-se, suplicante, contra a alvura lílida da sobrepele.

— Não, sr. Prior eu não quero ir para a África. O que eu queria é, ah, o que eu queria era ir pregar e dizer Missa por essas serras fora...

A visão de tanta ignorância religiosa ao longo da nossa terra fizera da alma boa do Manuel, cheia de amor e de zelo, uma alma de Missionário. A quantos outros não está Deus chamando também para o Sacerdócio!... Ouçamos-Lhe a Voz!

Novembro de 1936 M. F

Grças diversas

(D. Maria Luísa de Mendonça Orla-banda, em carta dirigida à Voz da Fátima, diz o seguinte):

«Agradeço a N. S. Senhora da Fátima por uma graça obtida prometendo mandar celebrar 3 missas no seu Santuário e fazer a publicação da graça no jornal «Voz da Fátima».

— D. Rosa da Ressurreição Antunes Caldeira — Torres Vedras — Pero Negro, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Ana Branco — Chaves, escreve dizendo o seguinte: atendo sofrido durante dois anos duma fortíssima dor numa perna, a ponto de não poder caminhar, recorri a vários médicos e só obtive melhoras e a cura completa depois de ir a Fátima implorar a sua cura junto da Nossa Senhora. Venho agradecer no seu jornalzinho a Nossa Senhora da Fátima, como prometido, pois há 2 anos que se sente completamente curada.

Chaves, 30-9-1934. Ana Branco

— Joaquim de Freitas — Sernache de Bonfim, vem cheio de gratidão agradecer publicamente a N. S. da Fátima, como havia prometido, a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Maria da Conceição — Olhalvo, diz ter alcançado por intermédio de N. S. da Fátima a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Marcela Lobato — S. João do Estoril, diz ter obtido a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

NO CONTINENTE

(D. Maria Luísa de Mendonça Orla-banda, em carta dirigida à Voz da Fátima, diz o seguinte):

«Agradeço a N. S. Senhora da Fátima por uma graça obtida prometendo mandar celebrar 3 missas no seu Santuário e fazer a publicação da graça no jornal «Voz da Fátima».

— D. Rosa da Ressurreição Antunes Caldeira — Torres Vedras — Pero Negro, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Ana Branco — Chaves, escreve dizendo o seguinte: atendo sofrido durante dois anos duma fortíssima dor numa perna, a ponto de não poder caminhar, recorri a vários médicos e só obtive melhoras e a cura completa depois de ir a Fátima implorar a sua cura junto da Nossa Senhora. Venho agradecer no seu jornalzinho a Nossa Senhora da Fátima, como prometido, pois há 2 anos que se sente completamente curada.

Chaves, 30-9-1934. Ana Branco

— Joaquim de Freitas — Sernache de Bonfim, vem cheio de gratidão agradecer publicamente a N. S. da Fátima, como havia prometido, a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Maria da Conceição — Olhalvo, diz ter alcançado por intermédio de N. S. da Fátima a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Marcela Lobato — S. João do Estoril, diz ter obtido a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Grças de Nossa Senhora da Fátima

(D. Emilia Gonçalves — Alcedor do Sal, em carta dirigida à Voz da Fátima, diz o seguinte):

«Agradeço a N. S. Senhora da Fátima, como prometido, pois há 2 anos que se sente completamente curada.

Chaves, 30-9-1934. Ana Branco

— Joaquim de Freitas — Sernache de Bonfim, vem cheio de gratidão agradecer publicamente a N. S. da Fátima, como havia prometido, a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Maria da Conceição — Olhalvo, diz ter alcançado por intermédio de N. S. da Fátima a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Marcela Lobato — S. João do Estoril, diz ter obtido a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

— D. Maria de Jesus Oliveira — Anicão, diz ter tido duas pleuritis das quais fora tratada por 3 médicos. As melhoras sensíveis, porém, só se fizeram depois de se ter dirigido a Nossa Senhora da Fátima a quem fez as suas promessas. Hoje já me encontro completamente curada.

— Francisco Amaro Pires — Viana do Castelo, diz o seguinte: «Prometi então a N. S. da Fátima a cura de minha irmã Rosalina que, com uma gravíssima enfermidade, esteve em sério perigo de vida. Recorri então a N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se minha irmã melhorasse, mandar publicar esta graça na Voz da Fátima.

Mais uma vez N. S. Senhora se dignou atender as orações deste seu indigno filho, e agora já por outra vez concedeu um favor muito grande. Por estes dois favores assinalados aqui deixo a expressão do meu grande agradecimento.

— Manuel Rodrigues de Pinho — Válega — Ovar, tendo um exzema numa perna, remente a vários remédios durante um ano, curouse banhando a perna com a água do Santuário da Fátima, favor este que aqui vem agradecer.

— D. Maria Teresa Henriques Simões — Vila Nova de Poiares, obteve por intercesso de N. S. da Fátima, a quem aqui vem agradecer, duas graças particulares.

(D. Emilia Gonçalves — Alcedor do Sal, em carta dirigida à Voz da Fátima, diz o seguinte):

«Agradeço a N. S. Senhora da Fátima, como prometido, pois há 2 anos que se sente completamente curada.

Chaves, 30-9-1934. Ana Branco

— Joaquim de Freitas — Sernache de Bonfim, vem cheio de gratidão agradecer publicamente a N. S. da Fátima, como havia prometido, a graça de não doer a cura de uma enfermidade que os médicos diziam curar com uma operação. Tendo obtido a cura só por intercesso de N. S. da Fátima, vem penhorada agradecer tal favor.

— D. Maria da Conceição — Olhalvo, diz ter alcançado por intermédio de N. S. da Fátima a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já que lhe fazer. Assim, desanimada, decidiu fazer uma novena a N. S. da Fátima. Sentiu algumas melhoras mas que não foram de grande duração. Feita uma segunda novena obteve a cura desejada gozando desde então de boa saúde e fazendo todo o seu trabalho.

— D. Marcela Lobato — S. João do Estoril, diz ter obtido a cura de uma doença que padecera muito e durante muito tempo. Os médicos não sabiam já

CRUZADO DE Fátima

Dando o balanço anual

Estamos no fim do ano. Mais duas semanas, e entra o novo ano: 1937.

E a época dos balanços nas casas comerciais e industriais. Os particulares também não deixam de lançar um olhar para o ano que passou, para apreciar em conjunto os ganhos e perdas, materiais ou morais, de de todo o mundo.

Façamos também o mesmo, como católicos.

Apesar do último dia do ano poderemos deitar contas à nossa vida de católicos e sentir tranqüila a consciência?

A sua voz poderá dizer-nos que durante este ano, que Deus nos deu de vida, cumprimos o nosso dever? E, antes de mais nada, tivemos nós o cuidado de observar bem todos os factos do ano que nos podiam e deviam esclarecer sobre os nossos deveres?

Factos desses não faltaram, e bem próximos, bem tristes e bem eloquentes.

Dois lembraremos — as eleições espanholas de fevereiro e a guerra civil que se acendeu em julho e ainda se não extinguiram.

As eleições.

Já aqui foi dito que se os inimigos de Deus, da civilização cristã, da ordem, da família, da propriedade e de tudo quanto é santo e nobre se apoderaram do poder, não foi por serem a maioria do povo espanhol, foi por terem a maioria nas urnas electorais.

Não houve diferença entre aquele ser e aquele ter é que está a explicação da desgraça de Espanha. Foi porque quatro milhões de espanhóis, que podiam e deviam ter ido às urnas cumprir o seu dever e não foram — foi por isso, que os outros que levaram lá todos quantos podiam, se apoderaram do poder, da força... e dos outros que não cumpriram o seu dever e tem morrido a milhares e milhares às mãos dos inimigos que não quiseram combater no dia das eleições.

Dirão que ainda sem a vitória eleitoral das esquerdas, a revolução social se teria feito na mesma. É certo; mas não teria sido feita já com o poder e as armas da nação nas suas mãos, e se agora, em longos meses, tem sido batida, mais facilmente o teria sido se tivesse rebentado noutras condições.

E se uma parte da Espanha, as províncias vascongadas, em sua grande maioria católicas, pois os comunistas confessaram há pouco que só lá tinham 8000 filiados — tivesssem cumprido o seu dever, a guerra civil não teria durado tanto e não teriam sofrido eles próprios, os vascos, as destruições das suas cidades de Irun e San Sebastián e o resto que há de vir em cárdio Madrid.

Mas os nacionalistas vascos

não quiseram ouvir a voz dos seus bispos, que em vão em carta colectiva os advertiram; preferiram guiar-se pela sua paixão política, e sendo católicos julgaram, contra a expressa declaração do Sumo Pontífice, que era possível colaborar com os comunistas e uniram-se com eles, esperando loucamente que depois de terem destruído as igrejas de todo o resto da Espanha lhes assegurariam em paga a liberdade religiosa!

Que loucura!

E veio a guerra civil. E a guerra há-de vencê-la a força das armas dos defensores da civilização cristã, mas as ruínas já causadas são em grande parte irreparáveis.

Que ao menos se não perca a lição, que a Providência nos deu aqui tão perto de nós. E a lição pode resumir-se nisto: que depois das torrentes de sangue derramado não basta que a força domine para manter a ordem, é preciso que a inteligência intervenga para suprimir as causas do mal-estar social, que os comunistas souberam explorar para levar tanta gente a pegar em armas com a esperança de ver acabar injustiças que são apenas aparentes: um bispo e o P. Gillet, Geral dos Frades Dominicanos.

Se assim não for, dentro de um período mais ou menos longo, teremos outra vez, na própria Espanha e noutras partes, os horrores da guerra social.

Fazendo, pois, o balanço, como católicos, da nossa actividade de um ano, interroguemos a consciência sobre se cumprimos estes dois deveres:

Primeiro: temos procurado conhecer, pelos órgãos da propagação católica, quais são as soluções cristãs para esses problemas sociais angustiosos a que os inimigos lá ordem só encontram a solução da violência?

Segundo: temos feito todos, sobretudo os proprietários, os industriais, os que pela sua actividade têm de recorrer ao trabalho alheio, tudo quanto de nós depende para que essas soluções cristãs sejam aplicadas, para se estabelecer a justiça antes de mais nada, nas relações entre o capital e o trabalho, deixando a caridade apenas a função de remédio para as falhas inevitáveis?

Esta é a disposição em que devem entrar no novo ano todos os militantes deste grande Exército de Paz, que são os Cruzados de Fátima.

Tornar-se cada um plenamente consciente dos seus deveres sociais e cumprí-los, custe o que custar, que será sempre muito menos do que o que está pagando os nossos irmãos espanhóis que a tempo não souberam conhecer o seu dever e cumprí-lo.

E não esquecer que a nossa

qualidade de militantes nos obriga a aumentar continuamente a nossa força. Somos quinhentos mil — entremos no novo ano dispostos a conquistar outros quinhentos mil para as fileiras do bom combate pela justiça e pela paz, pelo Reino social de Jesus Cristo, cujo Natal vamos comemorar mais uma vez no conchecho dos lares, lembrando-nos de tantos lares cristãos destruídos em Espanha pela minoria dos bárbaros.

Fé e Sciência

Alguns factos recentes a provar que a Fé se dá bem com a ciência:

A Associação dos Médicos Católicos Portugueses começou a publicar o seu boletim onde se lêem artigos de clínicos eminentes, Professores das Faculdades de Medicina, etc.

Berçoni, um dos maiores filósofos de todos os tempos, escreveu a nossa Religião.

O notável cirurgião e lente da Faculdade de Lisboa, doutor Custódio Cabeça, que faleceu há pouco, recebeu com toda a lucidez os Sacramentos.

A Academia Francesa que é uma das mais altas agremiações intelectuais da França, elegeu ultimamente dois novos sócios (éles são ao todo apenas quarenta): um bispo e o P. Gillet, Geral dos Frades Dominicanos.

A voz do povo

Passarinhos, meus irmãos, Vinde ouvir minha canção, Vós tendes penas nas asas, Eu tenho-as no coração.

Quem tem filhinhos pequenos Força, que há-de cantar, Por vezes a mãe canta, Com vontade de chorar.

O sete estrelas vai alto Mais alto vai o luar, Mais alto vai a ventura Que Deus tem para me dar.

Aos chefes de Trezena

Não esquecer que durante o mês de Janeiro se devem entregar as cotas relativas aos últimos quatro meses de 1936.

Leitor:

Então, quantos Cruzados já arranjaste? Ou não te interessarás pelo bem da tua Fé e da tua Pátria!

Olha para a Espanha, vê as barbas do visinho a arder...

Exemplo a seguir

A hora é de sacrificios!

O Governo de Burgos promulgou um decreto assim concebido: nos dias 15 e 30 de cada mês, os espanhóis não poderão comer mais de um prato em cada refeição. Não há costido, friz e assado; ou é costido, ou é assado ou é frizito.

Quem não cumprir, será castigado, e o seu nome será publicado nos jornais para que todos fiquem sabendo quem são os espanhóis mais amigos do seu estômago do que da Pátria.

Procedendo assim, poupar-se algum dinheiro que será entregue a subscricção publica para a guerra de libertação que a Espanha está empreendendo.

Achamos muito bem, e ao contrário do que cuidariam alguns leitores, quem poderá sofrer um pouco com esta medida, são... os médicos, os farmacêuticos e os cozeiros!

Na verdade, padecem-se e morrem-se mais por comer muito do que por comer pouco.

As pessoas que se tratam bem, como a dizer-se, em regra enchem-se de tempo de tempo, de sopa, de arroz, de cozedura, e muitas delas não chegam a velhices.

Pelo contrário, os nossos camponeses que, comendo poucas coisas, comem de menos — têm melhor saúde e não é raro atingirem os oitenta.

Um Professor duma das nossas Faculdades de Medicina e grande autoridade em assuntos de higiene diz-nos na mesma refeição tem grandes inconvenientes para a saúde, e tira muitas forças para o trabalho. Eu ao almoço ou ao jantar, só tomo sopa, um prato de peixe ou de carne com hortaliça, salada ou legumes, e uma sobremesa.

Talvez muitos não saibam também que os precritos do jejum e da abstinência são o que há de melhor para o corpo.

Uma regra é assim: o que a Santa Igreja, em nome de Deus, nos determina ou aconselha para a alma, traz-nos ao mesmo tempo o remédio para o corpo. Como dizem os Livros Santos, Deus não quer o pecador morra, mas sim que se converta e viva!

Mas o decreto do Governo de Burgos não é a única lembrança o nosso dever, a nós, Cruzados de Fátima, cristãos que queremos defender a Deus da maldade dos seus inimigos, e portugueses que somos, animados do melhor desejo de tornar gloriosa mais uma vez esta Terra Linda de Heróis e de Espíritos.

Uma das maiores ofensas que se poderiam escrever sobre a sepultura de alguém seria esta: Não quis ser um soldado e a altura das necessidades do seu tempo.

Nós não podemos admitir que a beira da nossa campã se diga de nós tal coisa, e a imprensa não nos dá a oportunidade de nos defendermos.

Deus trouxe-nos ao mundo neste século, e nos temos de viver como cristãos dos nossos dias (dias heróicos em que o sangue dos mártires jorra com abundância).

Se nos contentarmos com dar aos pobres, aos seniores, à Acção Católica, e a outras instituições que se aplicam nos seus vários ramos, sem esquecer os nossos irmãos de outras localidades onde o Exército já impôs a ordem — realizamos cerimónias religiosas com grande entusiasmo do povo, e os Cruzados não nos tornamos em soldados nas escolas.

Escreveu o jornalista Aprigio Mafra, que por lá tem andado:

«Anda a imagem de Cristo em processo por cidades e aldeias — grandes e pequenas, cultos e maus — ajeitam no chão a passagem do lenho santo; e parece que os espanhóis, de felizes que se foram, não têm medo por essa expansão da sua fé, todas as torturas, todos os sofrimentos e toda a exploração da guerra.

Quando a Pátria procura redimir-se derramando sangue de sacrifício por todos os poros, volta-se o povo para Deus, para a fé, e a Espanha só no retorno à sua crença antiga poderá encontrar o sentido moderno dos seus deveres.

Obra de «todos» os católicos portugueses

A União dos Cruzados da Fátima é, como todos sabem, uma grande organização nacional, católica e patriótica. O seu fim é auxiliar com orações os trabalhos da Acção Católica Portuguesa, e custear, com donativos mensais, as despesas gerais deste movimento de salvação moral da nossa querida Pátria.

Ora quem lê a estatística habitualmente inserida na Voz da Fátima, chega a esta conclusão: a organização dos Cruzados ainda não conseguiu propagar-se além do arquipélago dos Açores!

As nossas três dioceses africanas ainda não chegou. As ferrosas cristandades portuguesas da Ásia e da Oceania também não responderam ainda à chamada.

E as colónias de portugueses, existentes no Brasil e na América do Norte, que tão fidalgamente receberam o Em.º Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, com demonstrações eloquentes da sua Fé, do seu Nacionalismo e da sua generosidade, também ainda as não vemos inscritas neste Exército glorioso.

A União dos Cruzados da Fátima é e tem de ser uma grande organização nacional. Todos os portugueses lá tem o seu lugar, quer vivam na Metrópole ou nas Colónias, quer estejam residindo em país estrangeiro.

Por todos esperamos, pois, confiados na sua fé e na sua dedicação à Terra-Mãe!

Sempre perseguida mas nunca vencida

S. Francisco de Assis tinha fundado há poucos anos, a sua gloriosa Ordem.

Cheio de zelo pelo salvamento das almas, mandara os seus frades pelo mundo a ensinar a Lei do Senhor.

Alguns que haviam partido para Marrocos, foram lá horivelmente maltratados e mortos; eram os primeiros mártires da Ordem Franciscana.

Quando S. Francisco soube que alguns dos seus filhos tinham recebido de Deus essa graça preciosa que é o martírio — o santo Patriarca teve uma das maiores alegrias da sua vida.

Entusiasmava-se esta ideia; alguns dos seus filhos depois de terem pregado como Jesus a Doutrina de salvação — tinham também como o Livro Mestre derramado o seu sangue pela redenção dos homens!

«Não cabia em si de contente: Agora sim que sou feliz! Agora sei que tenho cinco filhos verdadeiramente santos, e eu, o seu pai, o grande Santo, São as nossas primitivas; são os flores da nossa Ordem!»

Uma das maiores consolções que podemos ter também — ver que há séculos depois de fundada, a Nossa Santa Religião continua a produzir mártires, que o demónio e a maldade humana tentaram porque são discípulos de Cristo.

A nobre Espanha voltou a dar ao Céu muitos mártires, trucidados por bárbaros maus selvagens do que os que há antiguidade devastaram a Europa.

Tenhamos confiança; mais uma vez, e sangue dos mártires será semente de novos cristãos!

Se quisésemos levantar um monumento à Igreja, poderíamos servir-nos dos túmulos dos seus perseguidores, e sobre eles se ergueria, sempre victoriosa, a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana!

Não própria Espanha, em muitas localidades onde o Exército já impôs a ordem — realizamos cerimónias religiosas com grande entusiasmo do povo, e os Cruzados não nos tornamos em soldados nas escolas.

Escreveu o jornalista Aprigio Mafra, que por lá tem andado:

«Anda a imagem de Cristo em processo por cidades e aldeias — grandes e pequenas, cultos e maus — ajeitam no chão a passagem do lenho santo; e parece que os espanhóis, de felizes que se foram, não têm medo por essa expansão da sua fé, todas as torturas, todos os sofrimentos e toda a exploração da guerra.

Quando a Pátria procura redimir-se derramando sangue de sacrifício por todos os poros, volta-se o povo para Deus, para a fé, e a Espanha só no retorno à sua crença antiga poderá encontrar o sentido moderno dos seus deveres.

Não é o discípulo mais que o mestre

Uma humilde criada de servir, inscrita na Acção Católica, foi presa em Espanha e levada a um dos famosos Tribunais do Povo.

Freguatim-lhe:

«Com que entes ainda acreditás nesse Jesus que não faz mal aos que lhe queimam os Santos?»

«O que vale mais, o retrato ou a pessoa?» — respondeu serenamente a valerosa rapariga, que nos faz lembrar as gloriosas mártires de outros tempos.

O presidente, sem desconfiar, disse prontamente: «E claro que o retrato vale muito mais que o retrato.»

«Então já vêem: se Jesus Cristo consentiu que o prendessem e flagrassem e corrassem de espinhos e crucifiassem, que admira que éto deixe descurar as Suas imagens?»

Os comunistas espanhóis tem andado a lutar a muitas destas cenas, que nos mostram dum modo tão admirável almas abrumadas de amor de Deus.

Vê-se mais uma vez que a Nossa Santa Religião não envelheceu porque continua a produzir frutos desta qualidade.

Homens ou mulheres, novos e velhos, não reciam as torturas (e que horrosos elas têm sido!) e afirmam o seu amor a Nosso Senhor Jesus Cristo com o mesmo entusiasmo e o mesmo ardor dos primeiros cristãos!

E outra coisa se vê também: é que o progresso e a instrução (quando fora da Lei de Cristo — é claro!) não passam, como até o nosso povo, de uma grande e refinada canitiga.

Em pleno século das luses e aqui na Europa, os nossos pais na Fé, mais selvagens mais cruéis, mais feroces do que os pretos do sertão ou os romanos que há 1.900 anos maltratavam os nossos pais na Fé, não queram tanta instrução, tentos séculos de Civilização!

Ja se sabia, há muito, que em regra, quem não ama a Deus, também não ama o próximo.

E agora todos puderam verificar que os sem-Deus são os sem-humanidade, os sem-civilização!

Dizem eles que os homens, tendo a justiça do Senhor, não podem ser felizes. E por isso querem que os homens se esqueçam de que Deus existe, para assim gozarem... o paraíso na terra.

Final, em vez do paraíso, metem-nos a todos num inferno, em que os demónios... são eles!

Postais premiados

Nas últimas lotarias foram indicados para prémio os postais com os n.ºs 3297 — 1954 — 5991 — 250 — 1200 — 7471 — 2535 — 3008 e 97 e de número de lotaria superior ou inferior a qualquer destes.

Quem os tiver queira mandá-los registados à Editora Luz, E. de 3. Julho, 144 — Lisboa, para receber o prémio.

Estes postais vão desaparecer à medida que forem terminados a sua validade, sendo substituídos pelas publicações da Luz. Ver na Voz da Fátima de novembro o artigo Uma bela obra de cultura, ou pedir em simples postal um prospecto, que se manda gratuitamente, à Editora Luz, E. de 3. Julho, 144 — Lisboa.

Quem semeia ventos...

Aqui há anos um sacerdote pré-gaço numa localidade espanhola, censurou asperamente as modas indecentes. Infelizmente quem dava o exemplo era o próprio sacerdote, a autoridade na terra. Passou-se isto ainda no tempo da monarquia.

Dias depois, o sacerdote era convidado a voltar a pregar naquela localidade... onde os comunistas agora praticaram horrores.

Quando ouvimos as infâmias de que as mulheres e raparigas espanholas têm sido vítimas, no seu pudor, na sua honra, na sua integridade — temos de reconhecer que muitas tiveram grande culpa.

Se os comunistas espanhóis se lançaram, como animais, nas maiores torpezas — elas andaram durante muitos anos como que a incluídas com a immodéstia do seu trajear.

Que a fé nos aproveite — as mulheres de Portugal, e aos seus pais e maridos.

ACÇÃO CATÓLICA

O Arado

Orgão mensal da J. A. C.

Todos por cada um e Cada um por todos

Redacção: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA - N.

O culto de Santo Isidro

remédio celeste contra os males do nosso tempo

Quem observar o estado actual da Sociedade dos nossos dias encontra os seguintes males capitais que dão origem à guerra entre as classes sociais:

O orgulho — Todos desejam ser grandes.

A ambição — Todos desejam ser ricos, a-pesar-de odiarem as pessoas de teres e haveres.

O desprezo pelos humildes — Muitos por terem um palmo de terra julgam-se feios de massa diferente daqueles que nada possuem.

O abandono da terra — Muitos levados pela febre da riqueza e dos prazeres deixam as suas quintas e casas para se instalarem nos grandes centros, onde nada produzem, antes gastam os rendimentos que lhes vêm das suas propriedades agrícolas.

O culto do Santo Lavrador ensina-nos todos a sermos humildes, modestos, amováveis para com os nossos semelhantes e para com a terra-mãe, lavrada com tanto carinho por Santo Isidro.

Quem não desejará ser após-tolo deste culto tão salutar, tão próprio para levantar o moral e a religiosidade dos nossos camponeses?

T. B.

MEDITAÇÃO

Do brilhante jornal para Operários «O Trabalhador», transcrevemos o artigo que segue. A todos pedimos que meditem nela, a sério:

«Não devemos deixar perder a ocasião única que a guerra em Espanha nos oferece para dar tiramos os necessários ensinamentos.

«Meditemos:

«De um lado e do outro da luta tem havido heroísmo. Há homens que combatem com mistério, tanto numa como noutra trincheira.

«De ambos os lados se apropeia: combatemos pelo povo!

«Os nacionalistas, afirmaram-no já muitas vezes, não lutam pelo capitalismo, que também odiam, mas pelo trabalhador e pela classe operária.

«Os comunistas gritam a toda a força dos seus pulmões que se batam e morrem pela libertação do operariado.

«Uns e outros têm no fundo e em parte os mesmos objectivos.

«Porque se guerreiam então? Porque se matam uns aos outros tão furiosamente?

«Duas doutrinas. Uma cre que só no cristianismo se encontra a salvação do operariado. Outra só cre possível essa salvação contra o cristianismo e isto, o que é mais grave, dentro das fronteiras duma nação que sempre foi cristã.

«Quanto tem tombado pela defesa dos seus ideais? Muitos e muitos milhares. São muitos e muitos milhares de homens a quem as balas ou a matilha levaram antecipadamente diante do tribunal de Deus.

«Qual não há-de ser o espanto de todos esses milhares de emilicianos, quando, na eternidade, virem a evidência que morriam por uma causa injusta e iníqua!

«Como? — dirão eles. Então sempre a verdade que Vós, Senhor, sois o Deus dos humildes, o defensor dos seus direitos? Sempre é verdade que Vós morrestes na Cruz para nos libertar de todas as escravidões. Como foi possível que, tendo nascido num país cristão, tivésssemos sido enganados a ponto de darmos heróicamente a nossa vida e derramarmos contentes o nosso sangue contra Vós que sois a Verdade e a Vida?

«Contra Vós que fostes o único defensor sincero de todos os que sofreram e choraram?

«Uma vez mais, porque sincero, porque odiar Vós? Então, Senhor, não lhes ter impellido aquêle pecado que propriamente não cometeram por julgarem combater pela Verdade.

É muito fácil santificar o nosso trabalho

Comecemos pelo número anterior a escrever para o Arado e hoje continuo.

Na minha freguesia ainda não está formada a Acção Católica; andamos alguns rapazes e algumas raparigas a receber instruções para brevemente se formar. Eu também faço parte desses rapazes e, a-pesar de ainda não pertencer à Acção Católica, estou disposto a trabalhar pela boa causa. Sou operário e brevemente serei jóica mais, como em geral nas nossas aldeias todos os operários trabalham também no campo eu, não fugindo a essa regra, trabalho algumas vezes na agricultura e por isso cuido o campo, razão porque quero pedir uma coisa a todos os que não trabalham.

«Chegado o tempo da colheita da azeitona, é um trabalho leve que pode fazer qualquer pessoa e ao mesmo tempo é muito divertido. Em algumas povoações constitui uma festa. Ora o caso é que muita gente aproveita essas ocasiões para fazer gala das suas immoralidades, cantando canções desonestas, dizendo anedotas, contando histórias imorais, etc. São portanto ocasiões muito próprias para os militantes da Acção Católica aproveitarem o seu tempo. E como poderão eles aproveitá-lo? Muito simplesmente. Por exemplo; quando o rancho se dispuser a cantar, comecemos nós uma cantiga bonita, e quando a cantiga acabar contemos uma história interessante, depois uma anedota e assim por diante. Não custa santificar assim o nosso trabalho e Deus compensar-nos-a cem por um. Goza-se uma alegria só, e até o trabalho parece mais suave e alegre.

Travancinha (Seia)

Manuel Borges de Almeida

Desde que principiei a ver pela primeira vez a J. A. C. principi a ter mais atenção ao ler a Voz da Fátima, até que um dia cheguei ao conhecimento do que queria dizer este nome da Jac. Desde então que vi que era uma organização para os rapazes do campo, chamou-me a atenção! Ao mesmo instante surte o Arado!

Ora vindo nos lavradores a necessidade de o «Arado», órgão da Jac, e preciso lavradores o Trabalho assim como são os seus ensinamentos, assim como nos pede para lhe enviarmos os nossos artigos

Pela Pátria, pela Paz, por Deus!

Foi com estas palavras lindas: «Pela Pátria, pela Paz, por Deus!» que o famoso escultor, Teixeira Lopes, convidado a falar em nome do povo do Norte na manifestação patriótica de 5 de corrente restituiu o seu pensamento de português. A multidão que o ouviu irrompeu em aplausos: «É assim! é assim!»

«É realmente assim que todo o verdadeiro português tem de pensar, se quiser manter o nome honrado de português. Por Deus, pela Pátria e pela Paz é a nossa lema também de trabalhadores cristãos. Sentimo-nos contentes em poder contar a todos os nossos camaradas que a multidão dos 100.000 manifestantes que no Porto se reuniram para aplaudir a atitude do governo, afirmaram também convictos estes princípios sagrados que orientam toda a nossa actividade.

«Por Deus! Nosso Senhor, nosso Criador, nosso Bemfeitor e nosso Juiz Supremo.

«Pela Pátria! berço amado onde nascemos, realidade social que nos ampara e que servimos, unido sagrada que nos faz grandes, dignos e honrados.

«Pela Paz! Bem supremo para todos os povos, para todas as famílias, para todos os indivíduos.

«Afirmando o nosso propósito de defender a todo o custo estas três grandes realidades, fonte de toda a felicidade humana, nós construímos um futuro melhor para os nossos filhos.

«Queremos Deus honrado, servido e amado, porque Deus é o Senhor, Senhor da vida e da morte, da terra e do céu, da Paz e da Guerra, da fome e da abundância.

«Queremos a Pátria, Pátria unida e forte, grande e honrada. Uma Pátria para todos os portugueses, onde todos tenham paz, alegria e bem-estar. Uma Pátria onde haja justiça, caridade e honrados.

«Queremos a Paz, porque sem a Paz é impossível a prosperidade, a clegria, o trabalho e a felicidade.

«Com Teixeira Lopes, nós afirmamos bem alto, para que todos nos ouçam, que é este ideal o que nos guia.

«Acreditamos que, pelo seu triunfo, estamos dispostos a deixar-nos matar, porque sem Deus, nem Pátria, nem Paz não tem valor para nós a vida.

«Vale mais a morte do que uma vida infame!

«Por Deus, pela Pátria, pelo Paz, todos unidos, camaradas!

Indicações úteis

Dezembro

Em Dezembro fazem-se as lavouras fundas; adubam-se as vinhas; cuida-se das regueiras.

Nas hortas: Começa a sementeira dos rabanetes em alforbas quentes; semeia-se o que vem indicado em Novembro.

Nos pomares: Continuam em terra seca as plantações e as mergulhais. Onde não gela, continua-se a poda.

Nos jardins: Semeia-se: chichams, ervilhas de cheiro, etc.

Pecuária: Acabam-se as engordas nos montados e abatem-se os vacos engordados nas possigas. Vacinam-se os bácoros antes de se entrarem nos corralhos. Alimentam-se intensamente os jumentos, com as colheitas, em lactação, e alguma alimentação suplementar, bem como batata crua e vermiculho. Vigiam-se os apilhões de forma que não falem as reservas de mel. Deve-se tirar a tarde os ovos dos ninhos uns capoeiras para eles não saírem.

Um jacista ama a Deus e ao próximo. Nunca pratica o mal e nunca faz sofrer ninguém.

Um jacista que não procura consolar os que sofrem, aliviar as dores dos outros e fazer bem a quem precisa de que lhe façam bem, não pode ser um jacista.

Amái ao próximo, como Cristo nos amou a nós.